

CARTAS PANDÊMICAS: ANÁLISES DE PRODUÇÕES DE SI PARA ENTENDER O AMANHÃ ATRAVÉS DO INDIVÍDUO COMUM

DAVI MENDES DA RESSURREIÇÃO¹; HELENE GOMES SACCO²

¹Universidade Federal de Pelotas – mendasdavirs@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir procura promover uma breve reflexão e análise de produções epistolares participantes da em atividade ação inaugural do projeto de pesquisa Poéticas NO Espaço, o Cartas Pandêmicas. Coordenado pela Profª. Drª. Helene Gomes Sacco e no qual atuo como bolsista PBIP-AE.

Essa ação é feita em uma plataforma digital no formato de website e em um perfil do Instagram, e tem por objetivo criar um espaço de leitura e partilha de cartas, preservando as memórias e os sentimentos daqueles que escrevem. Também são feitas reuniões entre a equipe, de forma remota, onde há o compartilhamento de textos e uma meditação a respeito deles. Além de questionamentos poéticos provocados pelos materiais trazidos pelos participantes.

A pesquisa presente a fim de apresentar o projeto estuda a ressignificação textual de algumas dessas cartas, valorizando a particularidade e poética de cada autor. A ideia central do artigo foi buscar através das cartas um conteúdo onde a escrita com um viés mais poético, as descrições de trivialidades cotidianas, assim como sensações e percepções, sejam elementos para também se pensar o período de Pandemia de COVID-19 em contraste de grandes documentos oficiais, que utilizam somente de dados e estatísticas para obter seus estudos socioculturais e históricos. Além disso, a proposta apresenta textos onde existem uma predominância gráfica maior do que só a escrita tradicional, reforçando as novas possibilidades de criação de cartas e a liberdade autoral no momento do registro.

2. METODOLOGIA

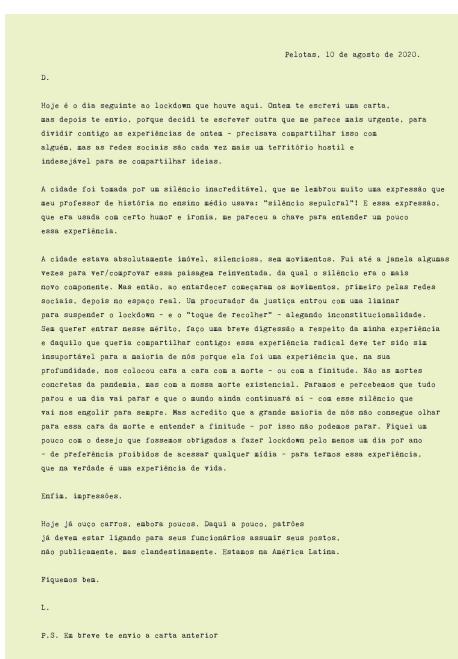
O embasamento teórico principal envolvido no processo de estudo desse documento é a ideia de correspondência como uma escrita de si (FOUCAULT, Michel. 1992). Textos que utilizam de auto-referência, ou uma perspectiva pessoal sobre a vida como fonte principal de conteúdo que é endereçado a outrem. A análise desse tipo de escrita busca uma maior valorização da pessoa comum e de suas produções cotidianas. E partindo dessa premissa utilizei como método de análise critérios conceituais que extrai do texto *Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo* (GOMES, A. M. C. 2004).

Foram analisados dois tipos de cartas, sendo uma carta-texto e uma carta-vídeo. Busquei achar a presença de uma teatralidade da memória, isto é, a guarda de registros que materializam e dão significado a história do indivíduo e do mundo que o rodeia. Construindo dessa forma uma identidade de si através da amplitude de sentidos dado a documentos pessoais (GOMES, A. M. C. 2004. p. 11). Também considerei perceber uma legitimidade de uma memória ordinária. Um registro do indivíduo comum e do valor de suas produções (GOMES, A. M. C. 2004. p. 12-13). E por fim, evidenciar a subjetividade do retrato da verdade.

Respeitando a pluralidade de cada autor onde a ótica do verdadeiro não é mais sobre ser factível e sim sobre o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou de determinado acontecimento. (GOMES, A. M. C. 2004. p. 13-15).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira carta analisada tem um formato mais tradicional no que diz respeito o gênero textual desse tipo de produção. A estrutura do texto possui data, destinatário, saudação e assinatura. Houve uma preocupação imagética no uso da fonte para criar uma verossimilhança com a datilografia, assim como a escolha da cor da carta também remete a impressão sépia que adquire o papel depois de envelhecer. Apesar de predominantemente textual, esses elementos que o autor se atentou em colocar na carta dá ao documento um também sentido gráfico, o tornando também uma imagem.



**Figura 1 - Carta participante da iniciativa
Cartas Pandêmicas. Poéticas NO Espaço. 2020**

A temática retratada diz respeito do lockdown que ocorreu na cidade de Pelotas, no dia 9 de agosto de 2020. Medida tomada para conter a circulação de pessoas e tentar amenizar a propagação do coronavírus.

O autor coloca em sua carta a impressão que teve ao ver o espaço da cidade em silêncio. Descreve sua leitura perceptiva e a interpretação poética de seus sentimentos provocados pela nova paisagem formada. Em seu texto com o remetente ele reafirma o quanto insuportável a experiência de um lockdown pode ter sido para algumas pessoas devido, em sua compreensão, a como estamos diante da mortalidade e finitude de nossa existência.

Essa reflexão a respeito do protocolo de isolamento total da cidade evidencia sensações e emoções. Não é sobre a nova dinâmica urbana após o lockdown necessariamente, e sim sobre como o novo elemento instalado, o silêncio, o induziu a uma linha de pensamento que abordasse questões sobre existentialismo e morte. O autor justifica que essa percepção leva as pessoas a pensarem sobre como o tempo e o existir são limitados, e sobre como essa

certeza do fim estimula um certo desconforto. Chega em seu texto a abordar um desejo de que houvesse pelo menos uma vez por ano um lockdown, onde todo o acesso, inclusive de mídias, fossem proibidos, levando as pessoas a terem a experiência que o silêncio conseguiu trazer.

A segunda carta foi feita em formato de vídeo e também explora questões envolvendo um autoconhecimento emocional que surge dentro do contexto de pandemia. Há uma atenção a respeito da cor na produção. O vídeo possui tons de amarelo e laranja, e está sobreposto a uma imagem fixa durante toda exibição de um sol raiando entre prédios. Todos esses elementos criam uma uniformidade visual e leva o remetente à experiência da sensação do crepúsculo. A intensidade da presença do laranja clareia e aquece (HELLER, Eva. 2012) deixando a carta mais convidativa, calorosa e afetuosa.



Figura 2 - Carta para o Sentimento de Quarentena.
Cartas Pandêmicas. Poéticas NO Espaço. 2020

Sobre o conteúdo, a autora evidencia que a princípio a adesão ao isolamento traria mais tempo para um autoconhecimento e para começar atividades pendentes, mas que com o tempo o surgimento de monotonia e o ócio trouxeram uma perspectiva mais estática para a rotina.

A instalação do nada e a sensação de não pertencer, surgem quando o cotidiano se torna repetitivo, o suficiente para, como abordado no vídeo, ter que se reinventar quando o período de pandemia terminar. A narrativa dessa carta não é mais sobre um silêncio específico, como na análise anterior, agora o que predomina é o silêncio contínuo dos dias, onde não há o que acrescentar para mudar a não ser um eventual fim do isolamento.

Como justificativa para explicar essas questões a autora, no ato final da vídeo-carta, começa a descrever atos triviais como forma de suprir o sentimento de falta. Ela arruma a casa, medita, prepara uma receita de bolo. Mas contesta o quanto isso foi ineficaz em resposta e percebe que o que falta é a partilha.

Como pessoas estamos constantemente produzindo, consumindo e dividindo os resultados e experiências de tudo com terceiros. O isolamento prejudicou essa prática, uma vez que se faz necessário o afastamento social. A autora comprehende dessa forma, em sua jornada de percepção, que a lacuna e a ociosidade causada na quarentena são geradas pela carência de compartilhar. A frustração da constância, e do criar mas não ter ninguém que possa experientiar de forma física o processo.

Tratar tais questões de forma mais individual em ambas as cartas é ultrapassar o campo da percepção comum. É observar e valorizar as

minuciosidades, o que nos passa ou passava despercebido. É o ruído de fundo e não os fatos extraordinários (PEREC, Georges. 1974). Desse modo funcionam as percepções frente à complexidade da subjetividade humana, quando comparadas a grandes eventos. Elas geralmente são ofuscadas e se perdem, pois são detalhes que interrogam o habitual e não o acontecimento grande e memorável. As cartas, assim, permitiriam a sobrevivência dessas perspectivas.

4. CONCLUSÕES

A partir das produções analisadas entende-se necessário valorizar as iniciativas em que a arte venha contribuir para preservar os acontecimentos e as memórias dos indivíduos comuns. A proposição Cartas Pandêmicas é um recurso que tem nos proporcionado a experiência de conhecimento humano em situações tão radicais e adversas, numa percepção mais íntima e sensível do outro. É uma possibilidade de encontro e criação de vozes diversificadas e produzidas também de maneira plural, conforme são as pessoas e suas unicidades. Do mesmo modo, é uma forma de evidenciar a importância de olharmos também os pequenos acontecimentos individuais e tirar deles todo o seu potencial de resistência cotidiana.

O artigo buscou analisar a partir da observação sensível desses registros pessoais onde, a subjetividade humana, sendo ela compreendida como produção artística que reverbera em sensações e reflexões, uma forma de conseguir atuar como estudo para compreender poeticamente o período de pandemia, não só a nós que as pesquisamos, mas um público mais amplo, visitante do website.

O objeto da carta atua através da escrita naquele que a envia, assim como atua através da sua releitura por aquele que a recebe (FOUCAULT, p.150). A produção do eu e do outro é feita partindo dessa dinâmica. O intuito do projeto está sendo provocar essa relação nos colocando tanto quanto remetente para depositarmos nossa voz, quanto em uma posição de destinatário para receber e extrair poesia do comum. Assim podemos entender a pandemia de dentro para fora. E é, além de tudo, sobre a pessoa e o fato de que ela importa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: MOTTA, M. B (Org). **Ditos e escritos, Volume V: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. Cap.11, p.141-157

GOMES, A. M. C. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES A. M. C (Org). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. Prólogo, p.7-24.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013

PEREC, Georges. **Approaches de quoi**. Paris: Cause Commune, 1973

UFPEL. **Cartas Pandêmicas**. Pelotas, 6 ago. 2020. Especiais. Acessado em 9 set. 2020. Online. Disponível em: cartaspandemicas.com